[Recensão a] Jorge de ALARCÃO, As Casas da Zona B de Conimbriga

Autor(es): Encarnação, José d'

Publicado por: Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra

URL persistente: URI:<http://hdl.handle.net/10316.2/37868>

DOI: DOI:http://dx.doi.org/10.14195/1647-8657_49_12

Accessed : 26-Apr-2023 13:29:09

A navegação consulta e descarregamento dos títulos inseridos nas Bibliotecas Digitais UC Digitalis, UC Pombalina e UC Impactum, pressupõem a aceitação plena e sem reservas dos Termos e Condições de Uso destas Bibliotecas Digitais, disponíveis em <https://digitalis.uc.pt/pt-pt/termos>.

Conforme exposto nos referidos Termos e Condições de Uso, o descarregamento de títulos de acesso restrito requer uma licença válida de autorização devendo o utilizador aceder ao(s) documento(s) a partir de um endereço de IP da instituição detentora da supramencionada licença.

Ao utilizador é apenas permitido o descarregamento para uso pessoal, pelo que o emprego do(s) título(s) descarregado(s) para outro fim, designadamente comercial, carece de autorização do respetivo autor ou editor da obra.

Na medida em que todas as obras da UC Digitalis se encontram protegidas pelo Código do Direito de Autor e Direitos Conexos e demais legislação aplicável, toda a cópia, parcial ou total, deste documento, nos casos em que é legalmente admitida, deverá conter ou fazer-se acompanhar por este aviso.

CONIMBRIGA

INSTITUTO DE ARQUEOLOGIA

VOLUME XLIX • 2010

FACULDADE DE LETRAS
UNIVERSIDADE DE COIMBRA

RECENSÕES BIBLIOGRÁFICAS

Jorge de ALARCÃO, *As Casas da Zona B de Conimbriga*, CEAUCP, Coimbra, 2010. 64 páginas, ilustradas com 26 estampas e seguidas de dez folhas com 53 fotos a preto e branco. Ilustrações e design gráfico de José Luís Madeira. ISBN: 978-989-95954-1-5.

Volume excelentemente apresentado, numa edição (a segunda oficialmente inscrita) do Centro de Estudos Arqueológicos das Universidades de Coimbra e do Porto.

A designação «Zona B» vem na planta das ruínas publicada pela Direcção-Geral dos Edifícios e Monumentais Nacionais [DGEMN], em 1948, compreendendo duas casas, a do mosaico das suásticas e a dos esqueletos, assim como as chamadas Termas da Muralha. Toda a zona, portanto, que fica à mão esquerda de quem entra na cidade, deixando à sua direita a conhecida Casa dos Repuxos.

Escavadas essas duas casas por Vergílio Correia entre 1939 e 1941 (o que, no final, viria a permitir um levantamento topográfico, mas não deu origem a nenhum relatório), aí foram efectuados restauros pela DGEMN entre 1945 e 1948. Jorge de Alarcão teve, pois, ensejo de nessa área retomar os trabalhos de escavação sistemática, de 1963 a 1972 (a escavação da casa dos esqueletos, por exemplo, decorreu entre 1962 e 1964, tendo sido alvo de intervenções pontuais de esclarecimento até 1968), concluindo a escavação das termas, só parcialmente descobertas por Vergílio Correia. O presente volume assume-se, pois, de certo modo, como o circunstanciado relatório desses trabalhos.

Está ainda por estudar o espólio cerâmico exumado e, por conseguinte, o Autor procura sobretudo interpretar a estruturação espacial que detectou, desde as *tabernae* que identificou ao longo da via de acesso à porta da muralha (p. 21-27), até à análise miúda de cada uma das casas, no sentido de se perceber como os seus vários espaços se articulavam entre si. São apresentadas plantas e cortes estratigráficos.

Recorde-se que Jorge de Alarcão escreveu, em 1985, uma *Introdução ao Estudo da Casa Romana*, tema que sempre muito lhe agradou; e aqui, mediante a preciosa ajuda de José Luís Madeira, que apresentou bonitas reconstituições (algumas delas aguareladas – vejam-se, nomeadamente, as que têm os números 11, 21 e 24), pôde explicitar a descrição de dois casos concretos e, inclusive, descobrir

como era feito o abastecimento de água não só a essas casas como também às termas, interpretando como «aqueduto», digamos assim, uma estrutura até agora de obscura funcionalidade (p. 42).

Mais: pôde concluir-se que estamos perante um «projecto urbanístico da época dos Flávios», pois que «*tabernae* e casa do mosaico das suásticas poderiam ter sido construídas na imediata sequência da edificação do fórum flaviano» (p. 39). Já as Termas da Muralha – que estão a ser alvo de estudo aprofundado por parte de M. Pilar Reis – «poderão ter sido edificadas antes da demolição das Termas de Augusto, para que a população não ficasse privada de edifício tão necessário», enquanto se erguiam as termas de Trajano, cujo monumental projecto «deixaria prever um longo prazo de construção» (p. 39).

E se, na Introdução (p. 7-19), o Autor traçou breve e exacta panorâmica do que foi a existência da cidade romana de *Conimbriga*, importa frisar que os indícios ora identificados apontam para que a destruição das *tabernae* e a construção da muralha hajam ocorrido «em período pré-constantiniano, eventualmente no tempo de Constâncio Cloro, tempo em que se terá edificado a muralha tardo-romana da vizinha cidade de *Aeminium*», mais concretamente por volta do ano 305 (p. 22-23). Este é um dado que se me afigura assaz interessante, pois que, desta sorte, se releva a atenção dada por este imperador à Lusitânia: a *civitas Aeminiensis* presta-lhe homenagem, salientando, numa epígrafe (CIL II 5239), que é o seu *dilectus princeps*, nado para conseguir o «aumento da República»; e identificámos como igualmente dedicada a este imperador uma das inscrições oficiais de *Eburobrittium*, de que, aliás, se dá conta em artigo inserto neste volume de *Conimbriga*.

Uma obra, por conseguinte, em que ao rigor do arqueólogo se alia a perspicácia do historiador e a sensibilidade do esteta – é um livro também bonito de folhear!

José d'Encarnação